

APAGÃO DE SEGURANÇA

Três episódios de violência sexual na Universidade
são denunciados em um mês p.8 e 9

UNIVERSIDADE

Circular ficou mais difícil?

O que pensam uspianos sobre
as novas linhas de ônibus p.10

CULTURA

Murais pela USP fazem rir e refletir p.15

CIÊNCIA

Estudantes vão às aulas sob fumaça de queimadas p.4

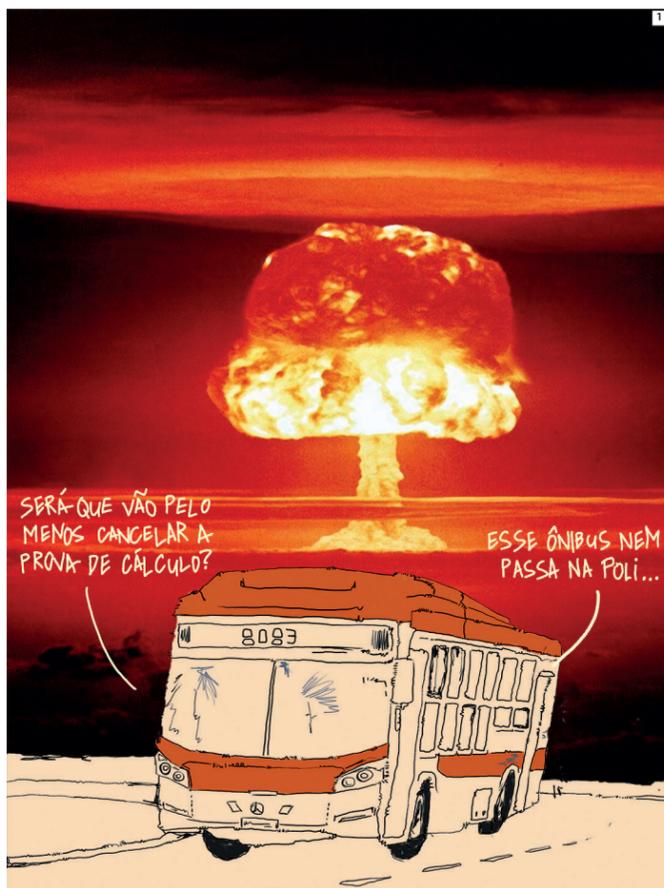
ENTREVISTA

Sobrinha de estudante desaparecida na ditadura continua sem respostas p.7



HUMOR

DAVI MADORRA, DIEGO FACUNDINI & NICOLLE MARTINS



EDITORIAL

Um jornal sobre segurança

Em setembro, o **Jornal do Campus** completou 41 anos de atividade. Ao longo desse tempo, diversas edições abordaram denúncias que levaram a crises de segurança na USP. E, infelizmente, chegou a hora de anunciar mais uma.

Em apenas um mês, três relatos de violências sexuais contra mulheres vieram à tona na Universidade: dois de estupro e um de tentativa de estupro. Os casos foram registrados na Polícia Civil, que investiga as acusações e deve enviar pareceres ao Ministério Público (MP), o qual decide se leva as denúncias adiante.

É claro que todo cidadão é inocente até se provar o contrário, mas a reportagem de capa (p. 8 e 9) mostra que a USP tomou ações disciplinares frágeis contra os suspeitos. O resultado é a sensação de insegurança na Cidade Universitária e uma instituição que parece não responder à altura para melhorá-la.

O tema também é destaque nas eleições municipais, que acabam de entrar no segundo turno na capital paulista. Nesta edição, apresentamos como a disputa impacta a comunidade de uma universidade estadual (p. 3). Também olhamos para o papel que as forças de segurança nunca mais devem fazer, ao lembrar os horrores da di-

tadura a partir da diplomação de estudantes mortos pelo regime militar (p. 6 e 7).

Sentir-se seguro envolve adaptar-se ao que acontece à nossa volta. Por isso, mostramos como os us-pianos foram obrigados a conviver com as queimadas e um calor sufocante em todo o estado (p. 4 e 5). Na Cidade Universitária, investigamos a forma em que a comunidade está lidando com as mudanças nos nomes e rotas dos circulares (p. 10).

Ainda apresentamos reportagens que explicam a transição da feira de profissões para um formato on-line (p. 11) e as razões pelas quais o MP quer tirar a atual vice-reitora do cargo (p. 12). Além disso, des-trinchamos as diferenças de incentivo ao esporte entre as faculdades norte-americanas e brasileiras (p. 13) e um novo aplicativo que promete facilitar a vida dos alunos (p. 11).

A edição também assegura espaço para quem utiliza jornais ou murais para divulgar seus pensamentos (p. 14 e 15) e para quem aproveitou um edital para escrever sobre o passado da Universidade (p. 12). E, já que outubro é o mês da criança, nos colocamos no lugar de uma e embarcamos na história de um sonho muito real (p. 16).

Este jornal é um porto seguro para você ver e se ver na USP. Pegue, leve e aproveite a leitura.

OMBUDS(WO)MAN

Reportar também é dimensionar os problemas

Início com meu imenso agradecimento à turma pela honra de ter sido escolhida como ombuds(wo)man do JC. Há oito anos, eu também passei um semestre como repórter, editora, secretária de redação e conheço os desafios para produzir edições pertinentes e ancoradas na realidade universitária.

Nesse sentido, a edição 542 acertou ao trazer um cardápio variado de reportagens, como a promoção de práticas esportivas, as (várias) falhas de bandejões, programa de bolsas para iniciação científica (IC), processo de instalação das grades no Crusp e a importância de espaços virtuais, artísticos e indígenas.

Apesar de a maioria dos textos ter escolhido bem as pautas, uma omissão permeia várias das matérias: a ausência de dimensionamento das realidades retratadas. Faltam dados para que os leitores possam compreender o tamanho dos problemas. Dou exemplos: quantas são as quadras poliesportivas do CEPE e quantos estudantes as utilizam? Quantos alunos têm bolsas PUB e quantos responderam ao formulário do JC? Qual o número de casos de Mpox registrados em SP?

Números “sozinhos” valem pouco como informação. Mas, quando contextualizados, são importantes indicativos da proporção das questões relatadas.

Assim, é de fato crucial saber que o restaurante central oferece 4 mil refeições diárias e que 91% dos estudantes entrevistados utilizam esse estabelecimento para comer. Assim como são determinantes as informações de número de alojados no Crusp e de estudantes indígenas na USP em comparação com o número total.

Esses e outros dados apurados poderiam estar mais bem posicionados nas matérias – de preferência já nos parágrafos iniciais. A hierarquização das informações é um dos desafios de todo repórter na hora de transformar a apuração em texto. Nesse sentido, algumas reportagens poderiam ter trabalhado melhor

seus lides. Na matéria sobre o fim do Drive ilimitado, a informação mais importante está no 4º parágrafo. Na sobre o valor das bolsas de IC, o lide ficou restrito à linha fina. Na sobre o MAC, tive a impressão que a novidade está no projeto “colégio das artes” – focar nele poderia ser uma saída para um texto menos burocrático e mais instigante.

Vale sempre se perguntar: qual é o ponto central da reportagem e quais são as informações mais importantes para que o leitor compreenda ou se interesse logo de início por ele? Vários critérios jornalísticos (proximidade, impacto, ineditismo) podem ajudar a responder.

Formada pela ECA-USP, a jornalista Isabel Seta foi produtora e roteirista do podcast *O Assunto* e atua na agência *Fiquem Sabendo*



JC Online



JORNAL DO CAMPUS

Universidade de São Paulo – Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior. Vice-Reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda. **Escola de Comunicações e Artes** – Diretora: Brasilina Passarelli. Vice-Diretor: Eduardo Monteiro. **Departamento de Jornalismo e Editoração** – Chefe: Luciano Guimarães. Chefe Suplente: Wagner Souza e Silva. **Jornal do Campus** – Professores responsáveis: Alexandre Barbosa, Luciano Guimarães e Wagner Souza e Silva. **Redação** – Secretário de Redação: Nicolas Dalmolim. **Editoria de Arte** – Editor: Diego Facundini. **Arte**: Diego Facundini, Diogo Silva, Ester Nascimento, Jônatas Fuentes, Lara Soares, Marina Giannini, Nicolle Martins, Renan Affonso. **Editoria de Fotografia** – Editor: Lucas Lignon. **Fotorrepórteres**: Beatriz Garcia, Beatriz Haddad, Ester Nascimento, Fernanda Zibordi, Isabella Gargano, Julia Alencar, Lara Soares. **Editoria Online e Redes Sociais** – Editores: Isabella Gargano, Jônatas Fuentes. **Opinião/Diálogos** – Editora: Lívia Uchoa. **Cronista**: Samuel Cerri. **Entrevista** – Editor: Lucas Lignon. **Repórter**: Mirela Costa. **Universidade** – Editores: Gabriel Carvalho, João Chahad. **Repórteres**: Diogo Silva, Gabriela Varão, Julia Alencar, Lara Soares, Nicolle Martins, Paloma Lazzaro, Sofia Zizza. **Em Pauta** – Editor: Davi Madorra. **Repórter**: Sarah Kelly. **Cultura** – Editora: Alicia Matsuda. **Repórteres**: Fernanda Zibordi e Beatriz Garcia. **Esporte** – Editor: Artur Abramo. **Repórteres**: Miriã Gama, Beatriz Haddad. **Ciência** – Editora: Bárbara Aguiar. **Repórteres**: Marcelo Teixeira, Pedro Morani. **Endereço**: Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 433, prédio 2, sala 19, Cidade Universitária, São Paulo, SP, CEP 05508-020. Telefone: (11) 3091-4211. **Impressão**: DNA Gráfica Digital. **O Jornal do Campus** é produzido pelos alunos do 4º semestre do curso de Jornalismo Diurno, como parte das disciplinas Laboratório de Jornalismo: Jornal do Campus e Laboratório de Fotojornalismo.

▶ HORA DO VOTO

Entre promessas e possibilidades

No que ficar atento nas eleições municipais?

Especialistas de diferentes áreas analisam as propostas dos candidatos à Prefeitura de São Paulo

SARAH KELLY [REPORTAGEM]

Embora a USP seja mantida pelo estado, as pessoas que a frequentam também são afetadas pelas eleições municipais. Decisões tomadas pela prefeitura impactam desde a segurança e o deslocamento até o acesso à saúde daqueles que usufruem da Universidade. Além de abrigar aproximadamente 34 milhões de eleitores, a capital paulistana é onde vive a maior parte da comunidade USP – 68% dos alunos de graduação, segundo o Anuário Estatístico de 2023. Considerando a relevância do tema, o JC analisou pontos importantes dos programas de governo dos principais candidatos à prefeitura, disponíveis no site do Tribunal Superior Eleitoral.

SEGURANÇA

“Temos que estar sempre em estado de alerta, nunca andar com celular na mão, sempre segurar forte a bolsa. Isso é cansativo, mas você tem que caminhar assim”, relata Giovanna Biazoto, estudante do quarto período na Faculdade de Direito (FD), localizada no centro de São Paulo. A pesquisa Datafolha divulgada no início de setembro mostra que a maior preocupação dos paulistanos é a segurança pública. Saúde e transporte são os outros problemas mais citados. Não é à toa que Giovanna e outros frequentadores da FD estejam acostumados com os cuidados de prevenção de assaltos: em 2023, a região registrou um roubo a cada 30 minutos, segundo dados da Secretaria Estadual da Segurança Pública.

Em junho, o governo Tarcísio celebrou a queda de 50% dos roubos no centro desde janeiro. A área agora está repleta de policiais militares e guardas-civis metropolitanos (GCMs), enquanto na periferia da cidade, durante este mesmo período, os crimes patrimoniais aumentaram. As propostas dos candidatos à prefeitura seguem no mesmo caminho de intensificar o policiamento, prometendo duplicar ou triplicar a quantidade de GCMs. O pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP) Felipe Ramos alerta para a viabilidade dessas propostas.

“A maior parte do orçamento da Secretaria de Segurança Urbana para o próximo ano já está comprometido, e o valor restante é insuficiente para executar os números prometidos.”

Apesar dos dados que indicam diminuição de roubos e furtos, Biazoto, que estuda no período noturno, não se sente protegida para andar tranquilamente à noite. Ela afirma correr da estação de metrô Anhangabaú até a instituição para evitar ser abordada. Alguns dos estudantes ajustam toda a rotina para conseguir andar em grupos. Na Cidade Universitária, a segurança também se tornou um tópico sensível (confira na p. 8).

Quanto aos candidatos que garantem o combate ao crime organizado, Ramos alerta: “Os prefeitos têm pouca autonomia. O candidato que diz isso é ignorante ou age de má fé”, e destaca que “os órgãos da prefeitura não dispõem de substratos de inteligência sobre as organizações criminosas”. Contudo, ressalta ser possível agir em outras frentes, como no controle da lavagem de dinheiro, suspendendo licenças no mercado ilegal. “Existem estratégias, mas são limitadas, porque dependem de cooperação com outros órgãos.” O pesquisador enfatiza que a prefeitura tem mais potencial para enfrentar outras questões, como a Cracolândia, desde que a trate como uma questão de saúde pública.

MOBILIDADE URBANA

Em um momento de emergência climática (conferir p. 4 e 5), é fundamental pensar sobre soluções coletivas para o transporte na cidade. O doutorando da FAU e pesquisador de mobilidade, Daniel Santini, afirma que “há perspectivas bastante diferentes em disputa nesta eleição”.

Autor de um recém-lançado livro sobre políticas de Tarifa Zero, Santini aponta falhas nos projetos que priorizam as rodovias, como a ampliação da Marginal Pinheiros e a duplicação de avenidas. Embora pretenda diminuir o congestionamento, propostas do tipo teriam efeito contrário a longo prazo, pois, segundo o especialista, desper-

tariam uma demanda induzida – quanto maior a estrutura, mais veículos passam a circular.

Santini alega que “mais pessoas em veículos coletivos resultam em um aproveitamento melhor de energia, seja qual for o combustível”, e afirma que, mesmo com o uso de tecnologias e combustíveis sustentáveis, manter a proporção de carros e motos que circulam na cidade de São Paulo não resolve os impactos ambientais.

Os acidentes e mortes no trânsito, que aumentaram consideravelmente nos últimos anos, também têm sido pouco discutidos pelos candidatos. “Deveriam focar na preservação da vida, especialmente a de entregadores [que enfrentam pressões dos aplicativos para serem mais produtivos].” Para ele, essa abordagem é mais importante do que cogitar alternativas complexas. “Não adianta pensar em carros autônomos, em teleférico ou encontrar soluções pouco ortodoxas. O que a cidade precisa é olhar para as pessoas.”

SAÚDE

“Eficiência é o grande problema de saúde na cidade”, afirma Giovanni Cerri, professor da Faculdade de Medicina da USP e ex-secretário de Saúde do Estado de São Paulo. Para Cerri, a aplicação de tecnologia – algo presente na maioria das campanhas atuais – deve vir acompanhada

de atenção à interoperabilidade de dados municipais e estaduais. Ele explica que essa maior integração deixaria os atendimentos mais rápidos e pouparia gastos com repetições desnecessárias de exames e consultas.

A capacitação profissional, “uma das grandes missões da Universidade de São Paulo”, segundo Cerri, é outra deficiência da saúde que precisa ser lembrada nos programas de governo. “Não adianta termos a tecnologia se essas pessoas não estiverem qualificadas a utilizar, não adianta termos hospitais e UBS se os profissionais atuando lá não tiverem qualidade.”

O professor defende políticas públicas que priorizem a sustentabilidade do sistema de saúde, com foco na prevenção. De acordo com ele, uma das maneiras seria promover nas escolas a conscientização sobre uma vida mais saudável. “A educação é o grande caminho da transformação da saúde”, pontua.

Em relação ao que o eleitor deve se preocupar, Cerri aconselha a reflexão sobre propostas que representem alguma mudança real, principalmente aquelas que viabilizam o uso da tecnologia e melhoram a jornada do paciente. Entretanto, o ex-secretário alerta que apesar das promessas nem sempre se concretizarem, não devemos nos omitir neste processo.

Infelizmente, o panorama de campanha é deprimente. Ainda assim, temos que votar de forma consciente

Giovanni Cerri, ex-secretário de Saúde do estado



▶ SAÚDE

Uspianos frequentam a Universidade em meio à fumaça de queimadas

Incêndios no estado de São Paulo afetaram o dia a dia de toda a população, incluindo a comunidade USP



Entardecer na cidade de São Paulo é impactado pela fumaça das queimadas no interior

PEDRO MORANI [REPORTAGEM]

Até setembro deste ano, o estado de São Paulo registrou 7.932 focos de queimadas, de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Com isso, se tornou o nono no ranking nacional de queimadas. A cidade de São Paulo teve o ar considerado o pior do mundo durante cinco dias seguidos, segundo a Revista Fapesp. Durante a segunda semana de setembro, mais da metade das cidades paulistas tiveram alerta para a baixa umidade do ar, que despencou para menos de 12%, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia. Nos campi do interior, a situação foi ainda pior, como em Pirassununga. “Muitas vezes, faltava o ar, parecia que ele não vinha”, relata a estudante Mariana Souza Teixeira.

Mariana é aluna de Zootecnia do campus de Pirassununga. O curso possui diversas atividades externas, que exigem esforço físico e a mobilidade é feita a pé. Em entrevista ao **Jornal do Campus**, a graduanda relata as dificuldades dos alunos no interior. “Como fazemos muitas coisas fora da sala de aula, embaixo de sol, dava uma sensação de desespero mesmo”, relata Mariana.

A exposição à situação climática pode ser um risco à saúde. A prática de exercícios físicos ou apenas a saída ao ar livre, principalmente entre 10h e 16h, é um fator de risco devido à alta incidência solar e o aumento do ozônio na atmosfera. “O gás é um potente indutor de broncoespasmos e de reações alérgicas. Além de causar mal-estar, dor de cabeça e queda na pressão”, explica a livre docente da Faculdade de

Medicina (FM) e especialista em pneumologia, Elnara Negri.

A prefeitura do campus Pirassununga não emitiu nenhum comunicado ou orientação para interrupção nas aulas durante esse período calamitoso. “Eu fiquei muito preocupada com os animais, aqui nós temos muitos e diversos, e eles sempre ficam ao ar livre. Pela falta de posicionamento, tivemos que continuar com as atividades como se aquilo fosse normal”, reclama Mariana.

Essa falta de esclarecimento sobre como agir durante os piores dias de qualidade do ar não foi exclusiva da prefeitura do campus Pirassununga. A reitoria da USP, procurada pelo **Jornal do Campus**, respondeu: “no dia 11 de setembro, a Superintendência de Saúde da Universidade divulgou algumas recomendações para a comunidade universitária, que podem ser acessadas neste link”. O texto listava artigos recomendando a atualização da aplicação da vacina de Covid-19 e a utilização de máscaras.

“Máscaras podem ajudar sim a diminuir a inalação das partículas, mas não são 100% eficazes”, explica Elnara. A poluição era tanta que, de acordo com especialistas, os paulistanos estavam respirando um ar compatível a fumar de quatro a cinco cigarros diariamente.

O clima seco pode agravar doenças respiratórias preexistentes, como bronquite, asma, enfisema, e cardiovasculares. A queda na umidade do ar pode causar o ressecamento do muco respiratório. “Prejudica o transporte mucociliar, que é o principal responsável pela limpeza das nossas vias aéreas”, de acordo com a professora Elnara.

CAPITAL PAULISTA

A estudante de nutrição Eliel Heliodoro relata como a sensação de calor muda de um campus para outro. “O jardim que temos na Faculdade de Saúde Pública é um paraíso no meio da cidade. Passamos os intervalos das aulas lá, perto da fonte de água e das árvores”. Já na Cidade Universitária, onde Eliel normalmente assiste a aulas no Instituto de Ciências Biomédicas, fora do ar-condicionado das salas, o calor é muito mais perceptível.

“Na saída, a situação terrível nos ônibus é a mesma, fora o tempo que ficamos esperando no ponto”, explica a estudante. Durante o período em que houve a cobertura de fumaça, a situação ficou ainda pior. As salas normalmente contam com um ou dois ventiladores, que não são ligados por conta do barulho que interrompe as aulas. Pela manhã, as aulas acabam por volta das 12h, no momento de pico da temperatura.

“Meu nariz sangrou quase todos os dias nessa semana, foi horrível”, conta Eliel. Essa reação do corpo é o esperado diante de uma realidade tão atípica, até mesmo para quem mora na cidade de São Paulo. Algumas dicas para o enfrentamento desse tempo são manter uma hidratação adequada, a limpeza do nariz com soro fisiológico, além de se alimentar bem.

A estudante de nutrição conta que tentou beber bastante água e consumir frutas com alto teor líquido, como abacaxi e melancia. Dentro de casa, o umidificador pequeno a ajudou a dormir de forma mais confortável, juntamente com os ventiladores para diminuir o calor. Mas, na faculdade, local para onde Eliel precisa ir, esses recursos não estão disponíveis.

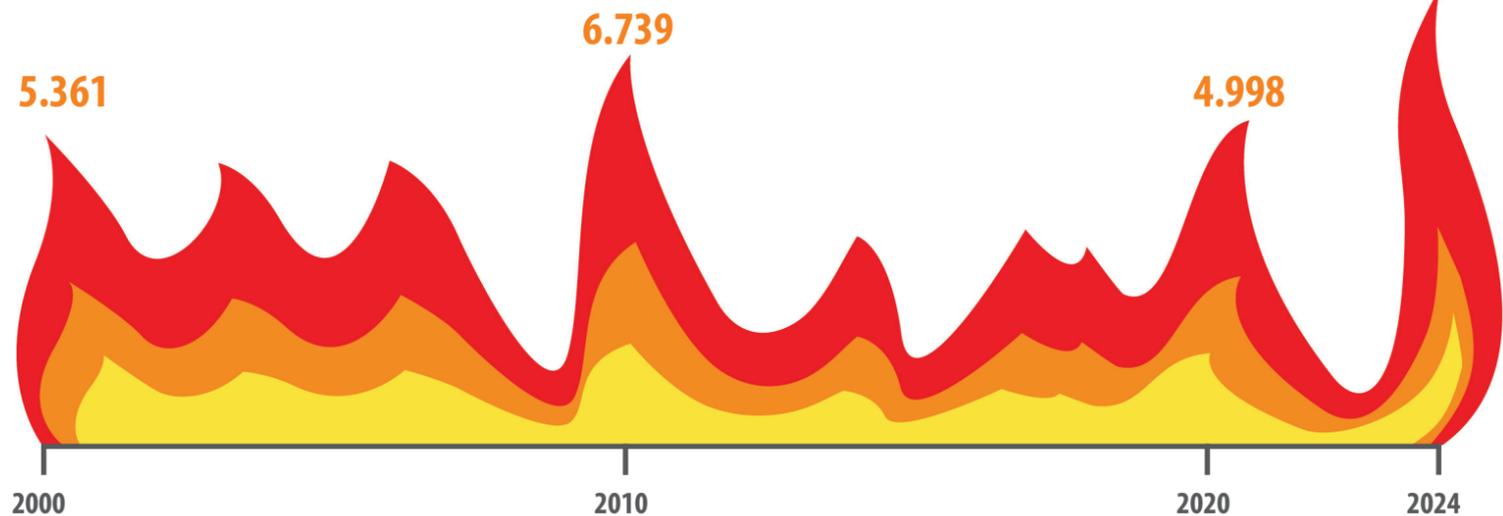
“Esse clima é algo que desanima, sendo muito sincera. Saber que você tem que ir para a faculdade com um tempo desse, não dá vontade de fazer as atividades. Mas mesmo assim, temos que ir porque, pela falta de posicionamento, eles mostram que não se importam se você pode ir, se tem algum problema de saúde. Não existe uma compreensão”, desabafa Mariana.

Muitas vezes faltava o ar, parecia que ele não vinha

Mariana Souza, aluna do campus Pirassununga

FOCOS DE QUEIMADA EM SP ATÉ SETEMBRO DE CADA ANO

Dados do INPE



▶ DESIGUALDADE CLIMÁTICA

Relatório mostra regiões mais quentes do Campus

Questão das ilhas de calor pode ficar de fora do Plano Diretor



MARCELO TEIXEIRA [REPORTAGEM]

De acordo com dados divulgados no primeiro relatório do Plano Diretor Participativo, áreas da Cidade Universitária como estacionamentos, espaços esportivos e a Praça do Relógio apresentam condições climáticas mais quentes e secas do que a média da Universidade. Apesar de contempladas no documento, as chamadas ilhas de calor não são mencionadas dentre as propostas da segunda fase do processo, e podem acabar sem soluções no novo Plano Diretor. A discussão sobre o tema ganhou força após o Brasil registrar a oitava onda de calor em 2024, de acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET).

“O termo ilha de calor é mais utilizado em escalas maiores, como a comparação entre municípios ou bairros”, explica Hugo Vilela, pesquisador e doutorando em climatologia urbana. “A Cidade Universitária pode ser considerada uma área de frescor em São Paulo, mas, em uma análise microclimática, como feita no Plano Diretor, é possível perceber temperatura e umidade distintas dentro do próprio Campus”. Diferenças na arborização, na área pavimentada e até nos materiais utilizados para tetos e chãos são fatores que contribuem para a variação climática de um lugar.

Os estacionamentos, por exemplo, são uma das fontes de

ilhas de calor na USP por causa da presença de asfalto. Ele é inevitável em regiões com tráfego abundante de carros e especialmente capaz de reter a energia solar, aumentando a temperatura do solo e, consequentemente, do ar em volta.

Porém, a principal causa da variação térmica local, presente em todas as ilhas de calor identificadas pelo Plano Diretor, é a falta de arborização. “A presença de árvores é fundamental, não basta apenas um jardim ou um gramado”, explica Hugo. “Elas [as árvores] agem como verdadeiros ‘ares-condicionados’ naturais, criando sombra, diminuindo ventos e umidificando o ar”. Em locais como a Praça do Relógio e partes do Centro de Práticas Esportivas (CEPE) é pouca a presença de plantas ou qualquer tipo de sombra.

A exposição ao calor e à seca extrema por longos períodos, vivenciada especialmente nesses espaços, apresenta sérios riscos para a saúde. A desidratação, a

insolação e o câncer de pele tornam-se preocupações maiores para membros da comunidade USP, particularmente os idosos, diabéticos, imunodeficientes e demais pessoas que integram grupos de risco.

ALTERNATIVAS Para a professora de climatologia do departamento de Geografia da USP, Maria Elisa Silva, a solução principal do problema está na arborização. “Precisamos manter a cobertura de árvores que temos e expandi-la”, explica a docente. O relatório da primeira fase do Plano Diretor também chega a essa conclusão e cita o aumento de áreas verdes como um passo importante para minimizar a formação de ilhas de calor.

Outras alternativas também poderiam ser utilizadas em conjunto com a arborização. De acordo com Hugo Vilela, “já existem uma série de materiais e tinturas que podem ser utilizados em áreas asfaltadas que di-

minuem o calor absorvido pelo chão”. Como adiciona a professora Maria Silva, “pode ser interessante a implementação de tetos verdes, como é feito em Singapura, que ajudam a refrescar o ambiente e o interior dos prédios, diminuindo a absorção de calor pelos telhados”.

Apesar disso, as propostas levantadas para discussão na segunda fase do Plano Diretor não aprofundam na questão das ilhas de calor. Quanto à arborização, por exemplo, é apenas citada a possibilidade da “elaboração de um plano de arborização urbana” para o Campus, sem mais detalhes. A diminuição de espaços asfaltados, comparativamente, tem maior profundidade, embora seja considerada apenas uma das possibilidades mais extremas na reforma da mobilidade interna da Universidade. Não há menção de trocas no material utilizado em ruas do Campus ou de implementação de tetos verdes.

[As árvores] agem como verdadeiros ‘ares-condicionados’ naturais, criando sombra, diminuindo ventos e umidificando o ar em sua volta

Hugo Vilela, pesquisador em climatologia urbana

MEMÓRIA

“Bastava cercar a USP que a esquerda no Brasil acabava”

PRIMEIRA DÉCADA

Washington (Xitão) Adalberto Martins, de 82 anos, estava em seu segundo ano na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (FD) quando o golpe ocorreu. “A base teórica e científica de uma faculdade de Direito está atrelada à existência de uma constituição. À medida que o golpe rechaça a Constituição de 1946 e passa a governar com atos institucionais, fica muito difícil prosseguir o estudo jurídico de um país dirigido ao bel-prazer dos militares”, diz ele.

O papel da Faculdade nesse momento nacional foi marcado pela dualidade: “O diretor, Gomes Silva, ajudou muito os militares a dar uma casca de legalidade ao que é ilegal. Eu me lembro da dificuldade dos professores darem aula. Tinham policiais nas salas, existiam ‘penetras’ que ficavam de vigia. Era uma perseguição muito grande à política progressista”.

Xitão também integrou a ação política: “Fui convidado pela TV Excelsior para defender Che Guevara ao vivo. Quem fazia oposição era o brilhante vereador Brasil Vita, também aluno da São Francisco”, lembra. “A orientação que a TV recebeu

foi que, se ele não estivesse perdendo, o programa continuaria; se nós estivéssemos ganhando, eles tirariam o programa do ar. Não deu outra, tiraram do ar. Eu fui embora, lógico. A polícia estava vindo”. A repressão recrudescceu após o sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, em 1969.

Dois anos após se formar, Xitão teve que se exilar na Europa devido à perseguição. “Mataram as lideranças, mataram Mari ghella e Toledo [Joaquim Câmara, membro do Partido Comunista e braço direito de Mari ghella], todos os principais membros dessas organizações. Os militares eram instruídos para matar, não apenas prender. Prendiam, torturavam e matavam”.

Xitão e sua esposa, Maria Helena Berlinck, se conheceram no exílio, já que devido à cassação massiva de professores universitários – incluindo seu pai – ela tinha se mudado para a Europa. “A década de 70 para nós é uma memória perdida, é um buraco. Não fazíamos ideia das músicas que fizeram sucesso, cantores, nada. A gente tocou a vida no exílio, mas eu digo que a gente praticava diariamente o esquecimento.”



Alunos da Faculdade de Direito presos em junho de 1969

PALOMA LAZZARO [REPORTAGEM]

Na USP, o período da ditadura cívico-militar coincide com o estabelecimento de diversas faculdades, escolas e institutos, com a ocupação da Cidade Universitária e sua memória permeia funcionários, docentes e alumni da Universidade. Nos dias 26 e 28 de agosto, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH) e a Faculdade de Medicina (FM) fizeram a diplomação póstuma de estudantes mortos pela repressão do regime.

As ações integram o programa *Diplomação da Resistência*, resultante da colaboração entre a vereadora paulistana Luna Zarattini (PT), a Pró-Reitoria de Inclusão e Perfeccionamento (PRIP), a Pró-Reitoria de Graduação (PRG) e o coletivo de estudantes Vermelho. Seu objetivo é reconhecer e honrar os 33 estudantes mortos no período.

Na FFLCH, unidade com maior número de vítimas, 15 estudantes foram homenageados. “Hoje é um dia de reparação. É um reconhecimento pessoal àqueles que tomaram em nome da liberdade, da

democracia e da nossa Universidade”, disse o diretor da unidade, Paulo Martins, no evento. Já na FMUSP, o pró-reitor de graduação, Aluisio Segurado, lamentou: “Esses jovens estudantes da nossa Faculdade de Medicina tiveram seus sonhos e projetos de vida prematuramente interrompidos, vítimas da arbitrariedade perpetrada pelo regime ditatorial”.

Nesse dossiê, o *Jornal do Campus* reúne as memórias, opiniões e experiências de alunos e docentes da USP durante o período de 1964 – 1985.

ANOS DE CHUMBO

A professora Janice Theodoro da Silva estudou na USP a partir de 1969 e permaneceu até sua aposentadoria como professora da História. Ela diz que grande parte das vítimas fatais da ditadura eram parte dos grupos de resistência formados entre 1964 e 1968, em geral ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e à Ação Libertadora Nacional (ALN). “O maior número de mortes pela ditadura, no contexto da USP, aconteceu em 1972. O governo militar resolveu ‘cortar as cabeças’. A brutalidade nessa época foi assustadora, muito motivada pela ‘ameaça’ do comunismo durante a Guerra Fria”.

Com o AI-5 em ação, a Universidade se tornou alvo fácil da repressão. “A USP estava no cerne da discussão política. Os policiais do DOPS brincavam que ‘bastava cercar a USP que a esquerda no Brasil acabava’”. Internamente, a perseguição tinha “mecanismos burocráticos, ligados ao direito administrativo, pelos quais se impedia que uma pessoa continuasse dentro da Universidade”, sendo o principal deles o uso de contratos precários. “Se você tira o dinheiro de uma pessoa, seu emprego, você tira todo o poder dela. Ninguém mais a respeitava”. Era característico da ditadura a busca pela aparente legalidade.

“Nós perdemos muitos estudantes e funcionários da USP para a repressão”

Eugênio Bucci

DÉCADA PERDIDA

Eugênio Bucci, professor da ECA e jornalista célebre, entrou na USP um ano antes da lei, controversa até hoje “Tudo tem dois lados ou mais. Foi boa, porque trouxe de volta os exilados. Foi ruim, porque incluiu na sua fórmula os crimes de torturadores, de um modo nebuloso, ambíguo e tático. Há ângulos diferentes que levam a conclusões diferentes”, opina.

A partir de 1980, a USP passava por uma nova onda de fortalecimento dos movimentos estudantis. “Nós perdemos muitos estudantes e funcionários da USP para a repressão. Entre eles, Alexandre Vannuchi, que morreu na tortura aos 22 anos, e que depois deu nome ao DCE. Eu, quando fui membro da diretoria, fui responsável por registrar a entidade em cartório”.

Enquanto presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto durante as Diretas Já, Eugênio presenciou os efeitos das mudanças nacionais no âmbito da vida universitária. “As organizações do movimento estudantil eram clandestinas. No entanto, a própria UNE estava saindo da clandestinidade.”

Janice vê um paradoxo: “existe uma vontade da mitificação das figuras do passado”. Para ela, de um lado, a esquerda eleva a resistência à ditadura a um patamar heróico, isento de nuance; de outro, a direita clama pelo retorno militar, e ignora a pobreza da época.



Cartazes e fotos com memórias e manifestações contra a ditadura na FFLCH-USP



Faculdade de Direito 1964 - 1974

FFLCH 1969 - 1979

DCE 1978 - 1985

▶ PARA NÃO ESQUECER

Ísis Dias de Oliveira é diplomada após 50 anos sem respostas

Sobrinha de estudante assassinada durante a ditadura militar relembra historia de luta da tia

MIRELA COSTA [REPORTAGEM]

Cinco décadas é tempo de uma vida. Para a família de Ísis Dias de Oliveira, é tempo de espera por respostas: em 30 de janeiro de 1972, a ex-aluna do curso de Ciências Sociais da USP foi sequestrada e levada para o Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) do Rio de Janeiro, quando tornou-se desaparecida. Após décadas de busca por pistas, pouco sabem os familiares sobre os últimos dias de Ísis.

VIDA DE RESISTÊNCIA

Filha de Felícia Mardini de Oliveira e Edmundo Dias de Oliveira, Ísis nasceu em 29 de agosto de 1941, em uma família de classe média na cidade de São Paulo. “Foi uma criança muito alegre”, diz a socióloga Adriana Dias de Oliveira, sobrinha da estudante. Apesar de não ter convivido com a tia, Adriana conta ao JC os relatos dos familiares sobre Ísis: “Ela estudou muito e se dedicava às artes, praticando piano, escultura e desenho”.

Em 1965, ingressou no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e passou a morar no Conjunto Residencial da Universidade, o Crusp. Na época, ela entrou para a Aliança Libertadora Nacional (ALN), organização de luta armada que enfrentou a ditadura militar.

A repressão a opositores políticos prevista pelo Ato Institucional 5 (AI-5) levou Ísis a interromper a graduação. Viajou a Cuba em 1969 para participar de treinamento político e militar

e, de volta ao Brasil no ano seguinte, mudou-se para o Rio de Janeiro. Adriana conta que Felícia – sua avó e mãe de Ísis – visitava a filha em terras cariocas com frequência. “Sempre que vovó ia para o Rio, tia Ísis dizia ‘se eu não aparecer, não se preocupe, alguém vai te ligar’.” Após o aniversário de 30 anos da estudante, mãe e filha marcaram um encontro nos fundos da Igreja da Candelária, no qual Ísis já não compareceu mais.

Os anos após o desaparecimento de Ísis foram marcados por buscas intensas. A família – e sobretudo Felícia – se desdobrou para encontrar ao menos alguma notícia sobre a jovem. Apesar das incansáveis visitas a hospitais, presídios, cemitérios e unidades do Instituto Médico Legal (IML), pistas falsas indicadas por órgãos de repressão dificultaram a jornada de Felícia à procura da filha. “Vovó foi uma guerreira, dedicou sua vida à busca da tia Ísis”, lembra Adriana. Felícia integrou a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e participou da fundação do grupo Tortura Nunca Mais.

Após a promulgação da Lei de Anistia em 1979, um general reconheceu a morte da jovem e de outros desaparecidos políticos em nota publicada pela *Folha de S.Paulo* no mesmo ano. Felícia morreu em 2013, aos 93 anos, sem receber mais informações e tampouco o direito do sepultamento digno da filha. Ainda assim, sobrinhos e primos seguem na busca pelas verdadeiras circunstâncias da morte de Ísis.



MEMÓRIA E JUSTIÇA

A trajetória de Ísis infelizmente não é única na USP: segundo o relatório final da Comissão da Verdade da Universidade, a ditadura militar fez outras 46 vítimas, dentre alunos, professores e funcionários. Com o objetivo de reconhecer e reparar as violências, torturas, perseguições, mortes e desaparecimentos durante o período, a Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP), a Pró-Reitoria de Graduação (PRG) e o coletivo de estudantes Vermelhecer promovem o projeto *Diplomação e Resistência* desde 2023. A iniciativa prevê a concessão de diplomas honoríficos de graduação aos 33 estudantes da USP que foram mortos pela ditadura.

Ísis foi diplomada no dia 26 de agosto na FFLCH, com mais 14 estudantes da instituição mortos durante a ditadura. Adriana Dias foi quem recebeu o diploma. “O sentimento que tivemos depois

da diplomação foi de paz”, afirma Adriana. Segundo a socióloga, é essencial que as histórias dos perseguidos políticos sejam lembradas e contadas às gerações mais novas para a manutenção da democracia no país. Instituições como a Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) também adotaram propostas de preservação da memória de seus alunos assassinados durante o regime militar.

A sobrinha de Ísis ainda reitera a importância da abertura dos arquivos referentes à ditadura no Arquivo Nacional, órgão responsável por preservar e divulgar documentos históricos no Brasil. “Por mais que muitos [dos criminosos] já tenham morrido, é importante responsabilizá-los. A abertura dos arquivos não é uma reparação só para as famílias, mas para toda a sociedade”, defende Adriana.

A luta da tia Ísis traz esperança. No fundo, o que ela queria era um mundo mais justo

Adriana Dias



Monumento na praça do relógio em homenagem aos uspianos cassados pela ditadura



Família de Ísis recebendo o seu diploma de Bacharel em Ciências Sociais

MEMORIAL 2011

FFLCH 2024

► INSEGURANÇA

Denúncias de estupro evidenciam falhas

Episódios que ganharam repercussão no último mês chamam a atenção para a subnotificação de ocorrências nos campi e expõem negligência da Universidade

GABRIELA VARÃO E JULIA ALENCAR
[REPORTAGEM]

Nas últimas semanas, três casos de estupro na Cidade Universitária ganharam repercussão na mídia. Ainda assim, as vítimas relatam dificuldades em conseguir o apoio necessário para se sentirem seguras no campus. Uma moradora do Conjunto Residencial da USP (Crusp) foi estuprada por seu vizinho em maio e, mesmo com uma ordem de restrição, continua o encontrando nos corredores e bandejões. Na noite de 21 de agosto, uma aluna sofreu uma tentativa de roubo e estupro na Praça do Relógio, e até o momento o autor não foi identificado. Na semana seguinte, outra moradora do Crusp foi abusada por um vizinho e, apesar de sua expulsão da moradia, o agressor segue frequentando o mesmo instituto que a estudante. De acordo com as alunas entrevistadas pela reportagem, esses três casos são um número pequeno quando comparado à quantidade de ocorrências não denunciadas de violência de gênero na Universidade.

O caso do dia 21 foi o primeiro a vir a público, e fomentou debates acerca dos problemas de iluminação nos campi da capital e levou coletivos a agir com urgência para pressionar as autoridades da Universidade. Em nota oficial, a Superintendência de Prevenção e Proteção Universitária (SPPU) afirma que “foi prestado todo o apoio necessário à vítima [do dia 21 de agosto] no momento do incidente, e após o sucedido, a Guarda Universitária e a Polícia Comunitária intensificaram rondas na região, sobretudo após às 18h”.

A reportagem do **JC** ouviu relatos de estudantes e funcionárias que dizem não se sentirem seguros na USP, principalmente à noite, e que os principais agravantes são a má iluminação e lugares pouco movimentados com falta de vigilância. A Praça do Relógio, no entanto, não é o único local que apresenta esses problemas, apesar de ser foco das medidas emergenciais tomadas neste mês.

Estudantes do período noturno ouvidas pelo **JC** disseram que alguns espaços da Cidade Universitária ficam muito escuros e vazios à noite e, por isso, temem circular por esses locais. Os lugares mais mencionados pelas entrevistadas foram a Rua do Matão, a Praça do Relógio, arredores do Instituto de Ciências Biomédicas e a Portaria 3. Para aqueles que precisam frequentar a Universidade nesse horário, a segurança se torna uma preocupação. De acordo com um relatório da SPPU, no ano passado foram registradas 190 ocorrências de roubos, furtos e sequestros. Neste ano, de janeiro a junho, já houve 116 denúncias.

Bruna (nome fictício) relatou ter sido perseguida na Rua do Lago, quando saía da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). “Por causa das folhas secas das árvores que cobrem a rua, eu escutei passos e olhei para trás. Tinha um homem alto, todo de preto e cabisbaixo, usando uma máscara, capuz e com as mãos no bolso da blusa de frio. Tive a impressão de que ele não era aluno, porque estava vestido estranho e sem bolsa”. Bruna conta que começou a andar mais rápido enquanto enviava sua localização para o namorado, e os passos do homem também aceleraram. “Nessa hora, outro aluno apareceu na direção oposta e trombei com ele. Isso me deu segurança para correr até o prédio da FAU [Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design]. Não sei para onde o homem foi, mas não vi mais ele.”

Já Mariana (nome fictício) relata que foi abusada, mas – assim como em outros casos de violência sexual – não denunciou: “Eu fui estuprada por um colega de curso, um veterano, e quando eu vi a reportagem da Globo dizendo que o último caso registrado foi em 2015, eu quis vomitar”. A estudante assegura que conhece casos muito mais recentes, que, segundo ela, “provavelmente não foram denunciados pelo mesmo motivo que eu não denunciei – porque eu sabia que não ia dar em nada e que eu só passaria por um processo vexatório e ficaria marcada na Universidade, sem conseguir estudar em paz.”

Naomi Asato, estudante de Ciências Sociais e integrante do Diretório Central de Estudantes da USP (DCE), afirma que, com a repercussão dos casos recentes, cada vez mais pessoas têm procurado a entidade para fazer denúncias, “tanto de outros casos no Crusp, quanto de casos envolvendo professores que assediam alunas”. A estudante também reforça a questão da moradia estudantil, uma vez que “muitas vezes, mesmo com casos de estupro, o que ocorre é que os agressores não são expulsos dos blocos”, diz Naomi. Para ela, isso mostra que “a instituição negligencia as próprias estudantes que foram vítimas”.

Naomi ainda comenta que, apesar da importância das denúncias, “a responsabilidade [de lidar com esses casos] não deve recair sobre as estudantes, mas à Universidade”, reiterando o papel da instituição de criar um ambiente seguro e efetivo para que sejam ouvidas. “As estudantes recorrem ao DCE, coletivos feministas e Centros Acadêmicos por não verem uma saída pelos



2

na segurança do campus



Alunos da USP estampam cartaz em manifestação no restaurante central

A plataforma, disponível gratuitamente para dispositivos móveis, pode ser usada em situações de insegurança e emergência. Ao agitar o celular, o usuário pode ativar o sistema de alerta e acionar a Guarda Universitária.

RESPOSTA LENTA A burocracia presente nos processos é uma questão à parte. Heloísa Buarque de Almeida, livre-docente de Antropologia e uma das fundadoras da *Rede Não Cala* – coletivo de docentes da USP responsável pelo acolhimento de vítimas e denúncias de violência de gênero na Universidade – explica que o grupo pretende fazer uma reunião com a Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) para discutir sobre uma nova proposta de encaminhamento dos casos relatados. O objetivo é melhorar os processos administrativos que, segundo Heloísa, precisam ser agilizados.

A rede foi criada em 2015, quando a CPI dos Trotes investigava violações de direitos humanos nas universidades paulistas. Na USP, o relatório apontou que, entre 2005 e 2015, 112 casos de estupro teriam ocorrido no Quadrilátero da Saúde, que abriga a Faculdade de Medicina, a Escola de Enfermagem e a Faculdade de Saúde Pública.

A professora também comenta sobre a “falta de clareza sobre onde denunciar em uma situação de emergência”. Ao ser acolhida, a vítima é encaminhada para a comissão da sua unidade de origem. Heloísa, no entanto, defende que “o ideal seria ter uma porta geral para todas, mas não temos ainda uma portaria para violência de gênero.”

O DCE continua mobilizações para exigir medidas efetivas de assistência às vítimas e a ampliação no combate à violência de gênero na Universidade. Naomi critica o que ela vê como uma “burocracia gigantesca”. De acordo com a integrante do DCE, isso torna o processo mais lento e demorado e ainda causa a revitimização. “Não foram poucas as vezes em que os próprios órgãos não estavam preparados para apoiar a efetivação de medidas protetivas. A vítima é tratada como uma ‘peteca’, sendo jogada de um órgão para outro”, acrescenta Naomi.

“**As estudantes recorrem ao DCE, coletivos feministas e Centros Acadêmicos por não verem uma saída pelos próprios órgãos da Universidade**”

Naomi Asato,
diretora de mulheres do DCE

próprios órgãos da universidade. No coletivo feminista da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), havia um formulário de denúncias, mas vinham casos tão pesados que adoeciam as próprias militantes e ele precisou ser fechado”, afirma.

AÇÕES E MEDIDAS O Coletivo Feminista Anna Néri (Cofan) da Escola de Enfermagem (EE) da USP criou a iniciativa *Vamos Juntas?*, com o objetivo de evitar que alunas andem sozinhas pela faculdade. A ideia é unir estudantes que façam caminhos semelhantes para que não voltem desacompanhadas para casa. O grupo foi formado em 2021, com a proposta de ser um espaço seguro e de aprendizado sobre feminismo. As integrantes organizam palestras, rodas de conversa e ações diversas, como disponibilização de absorventes em banheiros femininos da faculdade.

O projeto começou na EE e foi se expandindo. Atualmente, o *Vamos Juntas?* pretende unir alunas de vários campi da USP na capital. Ana Beatriz Silva,

estudante de enfermagem e integrante do coletivo, conta que a entidade está se organizando para reestruturar a iniciativa, já que tiveram dificuldades para juntar as pessoas. “A gente não achou que fosse ganhar tanta amplitude, mas agora que ganhamos, estamos procurando outros métodos para melhorar. No começo, a gente não conseguia juntar as pessoas com caminhos semelhantes porque as pessoas não faziam os mesmos trajetos.” Além da iniciativa, a estudante também lembra as oficinas de defesa pessoal voltadas às alunas da EE. Organizadas anualmente pelo Cofan, foram descontinuadas em junho de 2023 pela baixa procura.

Em nota enviada ao **JC**, a SPPU afirma que a Central de Controle e Operações (CCO) da Guarda Universitária monitora 1450 câmeras no Campus Butantã e as imagens são acompanhadas em tempo real. Após o caso na Praça do Relógio, a Prefeitura do Campus se comprometeu a podar árvores, priorizando lugares menos iluminados.

No Plano Diretor, há uma proposta de caminhos a serem melhor iluminados. A prefeita do Campus Butantã, Raquel Rolnik, explica que o sistema “precisa melhorar muito”, visto que foi implantado há mais de 10 anos, tem 7 mil luminárias e já sofreu desgaste. “Tivemos que trocar quase 3 mil lâmpadas nos últimos três anos e meio. Por isso, estamos trabalhando em um projeto de adequação para um sistema mais moderno e inteligente, para que as lâmpadas queimem menos, e que avise onde está a lâmpada queimada para fazermos a troca mais rapidamente.” Rolnik enfatiza que esse projeto foi entregue no fim de setembro, e o que falta é a licitação para encontrar uma empresa que o implemente.

O aplicativo *Campus USP* é um dos caminhos para relatar furtos, roubos, casos de assédio e, segundo a prefeita do campus, até mesmo as lâmpadas queimadas, pontos escuros e árvores que precisam ser podadas. “Com essa informação, conseguimos priorizar esses locais”, destaca.

MOBILIDADE

82, 83, 84 e 85: novas linhas dividem opiniões

Mudança emergencial gerou insatisfações e elogios, mas não significou soluções

NICOLLE MARTINS [REPORTAGEM]

No dia 22 de agosto de 2024, uma nota no Instagram da Prefeitura do Campus Capital-Butantã (PUSP-CB) surpreendeu a comunidade USP: “Vamos mudar os trajetos dos circulares”. Segundo o órgão, a iniciativa surgiu como uma forma de desafogar o fluxo das quase 20 mil pessoas que pegam esse transporte para a Cidade Universitária.

De acordo com o Plano Diretor, em desenvolvimento pela PUSP-CB desde outubro de 2023, o aumento no número de pessoas que acessam o Campus por meio de transporte coletivo se intensificou claramente após a inauguração da estação de metrô Butantã, em março de 2011. Junto ao surgimento dela, nasceu também a linha 8012-10, que saía da estação a caminho da Cidade Universitária. Antes, os ônibus próprios trafegavam pela Universidade não tinham nenhuma integração externa.

Mesmo após a implementação de dois novos circulares, o 8022-10 e o 8032-10, a superlotação, a qualidade dos veículos e o tempo de espera sempre foram pauta de reclamações. Em 20 de fevereiro de 2024, a PUSP-CB anunciou as novas rotas dos circulares e a instituição de mais um, o 8042-10, que aconteceria somente seis dias após o anúncio. A reação do público foi tão negativa que, no dia seguinte, a decisão foi suspensa e uma consulta pública foi aberta.

ADAPTAÇÃO

Na nova estratégia de mudança dos ônibus, muitos aspectos foram considerados pela, a começar pela comunicação: a divulgação começou 11 dias antes da alteração, que ocorreu na Semana da Pátria, período sem aulas. A prefeita do Campus, Raquel Rolnik, declara em entrevista ao JC que a mudança dos circulares foi “muito beneficiada” pela consulta pública, e que todas as reclamações são recolhidas e analisadas pela Prefeitura.

Na semana de implementação dos novos ônibus, poucos usuários estiveram nos pontos. Fiscais da SPTrans, localizados estrategicamente no início, meio e fim dos trajetos, anotavam horário de partida e chegada dos ônibus, assim como a lotação. Eles também serviram de apoio para passageiros e foram vistos fornecendo informações sobre o trajeto diversas vezes.

No primeiro dia de aulas regulares, o caos temido por alguns estudantes não aconteceu. Partindo da estação Butantã, as filas se mantiveram como antes, lotadas, mas minimamente organizadas. Respostas para perguntas como “esse é igual ao 22?” ou “é esse que passa na raia?” eram suficientes para a maioria dos passageiros, que paravam para aguardar sua vez após receberem a informação.

“Acompanhei a divulgação desde o início, mas ainda acho que foi uma mudança muito brusca, poderia ter sido mais gradual”, conta Gustavo Bulla, estudante da Escola de Comunicações e Artes (ECA). Ele diz ter se programado para chegar mais cedo que o de costume para minimizar os atrasos com a possível confusão, mas que, na estação Butantã, a experiência estava igual. “Se a ideia das linhas novas era diminuir a lotação, não funcionou”, declara.

O estudante de medicina Alexandre Cavalcante, que faz disciplinas no Hospital Universitário (HU), diz que, para ele, o trajeto do 8083-10 ficou muito melhor. O ônibus, que sai do mesmo ponto do antigo 8032-10, tinha a fila mais expressiva, que chegava até a porta da estação de metrô. Apesar do elogio à linha, a quantidade de ônibus e o tempo de espera incomodaram o estudante: “Ela é bem direta para onde eu preciso ir, mas demora muito para chegar, e sempre vem um ônibus só”.

Sobre a comunicação, Alexandre acredita que a falta de informação foi um deslize dele.



Diferente do esperado, os novos circulares seguem lotados

Desde 2008, o JC publicou mais de 30 matérias que abordavam problemas no transporte, dos circulares culturais, próprios da USP, aos ônibus da SPTrans

“Eu sabia que ia mudar, mas não fazia a menor ideia de quando. [Ao chegar no Butantã] me falaram ‘eu vou pegar o 8083’ e eu pensei ‘do que você tá falando?’. Acho que teve uma comunicação sim, eu que não fui muito atrás”.

A opinião de Ágata de Araújo, estudante da Faculdade de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional (FOFITO), é diferente. “Não acho que essa estratégia de implementar na Semana da Pátria funcionou, porque quando voltaram [as aulas], estava todo mundo perdido”. Para ela, a comunicação feita majoritariamente via redes sociais foi um erro. “Acho que deveria ter sido algo mais físico, como placas. A divulgação foi muito ruim: quando publicaram as imagens, parecia um desenho feito à mão”.

Ágata também relata que viu muitas pessoas perdidas no Portão 3, ponto final de dois dos novos ônibus. “Não tinha ninguém para instruir, perguntamos para um dos guardas que estavam lá sobre a nova rota e ele respondeu sobre o 8022”.

Até a terceira semana após a mudança, muitas das placas individuais nos pontos de ônibus não haviam sido alteradas, mas banners indicando a mudança e com um resumo dos trajetos foram instalados logo nos primeiros dias. Procurada pelo JC, a SPTrans não respondeu sobre as placas, e disse ser “instruída a pedir para que se informem com a Prefeitura do Campus”. A PUSP-CB diz não ser responsável pela mudança.

EMERGENCIAL

Para a prefeita do campus, “a mudança dos circulares é uma medida emergencial”.

Raquel Rolnik é urbanista e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU), e defende há muito tempo que a única forma de desafogar o fluxo de pessoas na Cidade Universitária é um meio de transporte em massa: o metrô.

Em maio do ano passado, o Metrô de São Paulo anunciou o projeto da linha 22-Marrom, que prevê a estação Universidade de São Paulo, cuja localização está sendo decidida por meio de um projeto cooperativo entre a Escola Politécnica e a FAU.

A prefeita também destaca que a quantidade de ônibus continua a mesma do padrão anterior, e a mudança foi no número de partidas registradas no contrato com a SPTrans. “A ideia foi não fazer todos os ônibus andarem pelo Campus inteiro, mas fazer linhas mais curtas para diminuir o ciclo”, relata.

Sobre a demora no tempo de espera, motivo de muitas reclamações, a professora atribui a um descumprimento por parte da empresa. “Enfrentamos um problema sério de pontualidade, porque tem um contrato com a SPTrans que determina os horários de partida dos ônibus, e ele não é cumprido”.

A professora Rolnik ressalta que a Prefeitura se mantém aberta a sugestões e soluções, enquanto o metrô não é construído: “Estamos estudando a implantação de algum outro tipo de modal, pelo menos no eixo da Avenida Professor Luciano Gualberto, que tem maior fluxo. Algo mais rápido, como um monotrilho, VLT, trenzinho, trem circular, alguma coisa que consiga agilizar essa vinda do metrô para esse espaço”.

▶ USP DIGITAL

O que aconteceu com a FEIRA DE PROFISSÕES?

Evento para estudantes estreou novo formato, com pouca divulgação



À esquerda, Praça da Relógio durante a Feira de Profissões em 2023

À direita, Praça da Relógio durante a Feira de Profissões em 2024

SOFIA ZIZZA [REPORTAGEM]

“Eu achei que não ia ter este ano”, afirma Beatriz Pernambuco, aluna terceiranista de São Paulo que veio à Feira USP e as Profissões em 2023. O encontro destinado aos vestibulandos e demais interessados, que acontecia presencialmente, passou a acontecer em formato virtual no começo de outubro. Entre os motivos para a mudança, de acordo com organizadores, está a busca por mais público.

A reformulação do programa foi anunciada pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) em reportagem do *Jornal da USP*. “Apesar de a feira física agregar experiências, percebemos que muitos alunos do ensino público não estavam tendo acesso. A modalidade online permite que os conhecimentos cheguem em todo o estado”, afirma Fábio Lima, assistente técnico de direção da PRCEU.

O programa USP e as Profissões, do qual a feira faz parte, foi dividido em três etapas. Visitas monitoradas, em que os alunos podem visitar presencialmente a unidade de interesse; Projeto “Eu na USP”, no qual alunos que vieram de escolas públicas voltam às suas instituições de origem para contar sua experiência na Universidade; e a Feira USP de Profissões em si.

O novo formato do evento consistiu em uma série de transmissões ao vivo pelo YouTube durante três dias consecutivos, cada um deles direcionado a uma área do conhecimento: Biológicas, Humanas e Exatas.

Raiji Takano, gestor da Feira em 2024, explica que a participação dos alunos da USP funcionou por meio da administração de salas de bate-papo, nas quais o público pôde tirar dúvidas específicas dos cursos. O recrutamento dos estudantes se deu por meio dos professores selecionados pela Comissão de Cultura e Extensão Universitária (CCEX) para participar da feira.

“O conceito de interação do vestibulando com o aluno USP e o docente se mantém”, afirma Fábio. Em contraponto, Enzo Frediani, aluno de Biologia que participou como expositor na Feira de Profissões em 2022 e 2023, relata que sente perdas significativas na experiência com a mudança para o formato digital. “A Bio sempre levou animais e plantas para a feira. O estande estava sempre lotado”, relembra. Para ele, expor no evento era também uma oportunidade para treinar habilidades não muito desenvolvidas em seu curso, como falar em público.

Beatriz menciona que estar com os alunos da USP, de idades próximas a dela, a fez se sentir

“confortável para fazer perguntas básicas, que eu não faria para um professor”. Ela conta que a feira também foi uma oportunidade para conhecer pessoas que querem prestar o mesmo curso que ela. “Quando soube que a feira ia ser online, até perdi a vontade de ir.”

As únicas informações sobre a feira estavam na página do Instagram e a do TikTok no perfil *Cultura na USP* (@culturan USP), que, em sua biografia, continha um link que levava ao novo site da feira. O endereço, no entanto, não aparece como primeiro resultado ao pesquisar no Google a expressão “Feira de Profissões da USP 2024”.

Fábio Lima afirma que a transição de formatos fez com que a comunicação entre a organização da feira e os estudantes fosse prejudicada. Ele explica que a USP passou por uma mudança no seu sistema de compras que impediu o uso do orçamento da Universidade até a metade do ano. “Isso impactou eventos grandes como a Feira de Profissões. Com esse atraso, não tivemos tempo para uma melhor estruturação”, complementa.

Aplicativo auxilia na vida acadêmica

SOFIA ZIZZA [REPORTAGEM]

Especificamente direcionado para alunos USP, o Folki foi criado por Yuri Arado, aluno do curso de Sistemas de Informação do Instituto De Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC-USP). O aplicativo disponibiliza recursos como grade horária, atividades do dia e da semana, calendário de tarefas pendentes e controle de faltas e notas.

Com mais de 5.200 usuários até setembro de 2024, o aplicativo vem sendo aprimorado pelo grupo USP CodeLab Sanca, extensão universitária de tecnologia e inovação o qual Yuri lidera.

Ele relata que quando ingressou na USP percebeu que vários alunos tinham problemas de organização com as disciplinas, como atividades esquecidas e problemas na contagem de faltas. “Vários estudantes se organizavam com planilhas no excel ou bloco de notas. Eu quis criar algo que pudesse unificar todas as necessidades em uma coisa só”, completa.

O desenvolvedor ainda ressalta que o diferencial do aplicativo consiste na intuitividade e facilidade que traz aos alunos da USP. A proximidade da plataforma com a Universidade impulsiona novas atualizações, uma vez que os alunos podem entrar facilmente em contato com ele ou com o grupo de extensão e sugerir novas funcionalidades. Programando em JavaScript, o aplicativo possui código aberto, o que permite que qualquer pessoa possa acessá-lo e analisá-lo. “Pessoas de fora do grupo de extensão também podem criar sugestões de alteração no código e nos enviarem”, explica Yuri.

Por não ser um aplicativo oficial da USP, o uso do Folki pode provocar dúvidas nos usuários a respeito da segurança de seus dados. Yuri explica que o aplicativo utiliza o banco de dados da InCloud, da Amazon. “Isso traz uma segurança maior, por ser um banco de dados grande e de uma empresa confiável”. Ele conta que, vendo o crescimento inesperado de usuários, o próximo passo é adicionar no app termos de privacidade.

Dentre os outros objetivos para as próximas versões do aplicativo estão a inclusão do cálculo de porcentagem de faltas máximas por disciplina, notificações sobre prazos das atividades, adição de grupos de extensão e jornais, além de uma integração com a biblioteca da USP. “Pretendemos expandir também para outras universidades, primeiramente para a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), por conta de uma semelhança na plataforma com o JupiterWeb”.



▶ EXONERAÇÃO

MPSP pede afastamento da vice-reitora

Jurista afirma que estatuto da Universidade não pode passar por cima da Constituição Federal; entenda o caso

DIOGO SILVA [REPORTAGEM]

Desde 30 de agosto, está na Justiça uma ação do Ministério Público de São Paulo (MPSP) contra a USP, o reitor Carlos Gilberto Carlotti Júnior e a vice-reitora Maria Arminda do Nascimento Arruda. O processo questiona o fato de Arminda ter completado 75 anos (idade da aposentadoria compulsória para servidores públicos), mas continuar no cargo. O valor da causa chega a R\$ 482,4 mil.

A Reitoria disse, em nota oficial, que a professora ocupa um cargo eletivo com mandato vigente e, portanto, não poderia ser exonerada, segundo o artigo 40, inciso II, da Constituição Federal. O processo de definição dos reitores da USP é realizado por meio de votação em colégio eleitoral composto por representantes dos três segmentos – docentes, funcionários e discentes. Assim, é formada uma lista tríplice para nomeação pelo governador do estado, que pode escolher uma das chapas, sem a obrigação de seguir o resultado da votação. Na mesma nota, a Reitoria afirmou que a professora exerce cargo que, por decisão do STF, se equipara aos cargos comissionados, e não estaria sujeita a demissão compulsória.

O advogado Marcos Piva diz que, no entendimento do STF, “os servidores ocupantes de car-

go comissionado não se submetem à regra”. Ele completa: “Este ponto é crucial, pois o cargo de diretoria é de livre nomeação e exoneração, o que caracteriza o posto como comissionado, temporário e de confiança.”

Entretanto, a Promotoria alega que o caso da vice-reitora seja diferente. O cargo deve ser ocupado por um professor-titular, conforme o estatuto da USP. Segundo o MPSP, se o vínculo com a Universidade se encerra, a função de vice-reitora deve se encerrar também. A Universidade é uma autarquia estadual de regime especial, ou seja, possui uma série de prerrogativas, incluindo a autonomia administrativa e financeira, que a permite gerenciar suas nomeações e exonerações de acordo com suas regras internas. “Isso não significa que as regras constitucionais ou leis não atinjam, ao contrário, precisam respeitá-las, em suas peculiaridades”, explica Piva.

No regimento da Universidade consta que os candidatos à função de reitor e vice-reitor devem ser professores titulares da USP. Porém, dentro do estatuto, essa exigência só surge nas condições de eleição e não aparece em mais nenhum inciso, o que inclui aqueles que já exercem os cargos. “Se a lei não nega, ela autoriza”, pontuou Marcos. Segundo Piva, o estatuto da Uni-

versidade prevê que “aquele que exercer função de direção ou chefia e que se inscrever como candidato, deve se afastar de tais funções”. Assim, Maria Arminda se afastou da função de professora para exercer o cargo de vice-reitora, o que pode gerar debate sobre a aplicação da regra da aposentadoria compulsória.

Caso o MPSP vença o caso, isso pode ter desdobramentos jurídicos complicados. No caso de impugnação do seu mandato, todos os atos praticados como vice-reitora poderiam ser questionados e até revogados. Uma de suas incumbências é a presidência da Comissão de Claros Docentes (CCD), responsável pela distribuição dos claros entre as unidades da USP, que vão possibilitar a posterior abertura para contratação de docentes, além da distribuição dos cargos de professor titular.

De acordo com apuração feita pelo *Jornal do Campus*, a Reitoria já estaria se precavendo desses possíveis desdobramentos jurídicos há algum tempo. Algumas ações que são de responsabilidade da vice-reitora estão sendo assinadas pelo reitor Carlos Carlotti e pelo Decano (membro do Conselho Universitário com mais tempo de professor titular, imediato em caso de ausência do reitor e do vice), para poder evitar possíveis complicações jurídicas.



A vice-reitora Maria Arminda foi empossada em 2022, aos 73 anos

Livros de docentes são selecionados para os 90 anos da USP

LARA SOARES [REPORTAGEM]

Em homenagem ao aniversário de nove décadas, a USP convidou professores ativos e aposentados para registrar o passado da própria instituição. O edital “Ensaio sobre a Universidade de São Paulo por ocasião de seus 90 anos em 2024” foi aberto no ano passado e selecionou seis produções que serão publicadas pela Edusp, editora oficial da Universidade. O concurso surgiu da parceria com a Comissão Executiva para as Comemorações dos 90 Anos da USP. A divulgação dos contemplados ocorreu no último mês de setembro.

Flávio Ulhoa Coelho, professor titular do Instituto de Matemática e Estatística, é autor de uma das obras selecionadas. Nos últimos anos, tem estudado a implementação e desenvolvimento da matemática no Brasil e na USP. O ensaio descreve a vinda de matemáticos franceses a São Paulo. “Seus primeiros trabalhos influenciaram muito o desenvolvimento da matemática no século XX. O primeiro encontro deste grupo data de 1934, por coincidência o ano de fundação da USP”, conta o professor.

Outra obra contemplada foi a de Stella Maris Scatena Franco, professora associada do De-

partamento de História da USP. Por meio de pesquisa em história oral, ela narra a trajetória do CoralUSP, desde a fundação em 1967 até os anos recentes. A professora decidiu estudar o tema ao constatar que não havia bibliografia publicada a respeito. “Fiquei animada em levar adiante este projeto, mas a pandemia esfriou um pouco os ânimos e ele ficou estacionado. O edital da Edusp foi um sopro de entusiasmo para retomar o desenvolvimento do trabalho”, ela relata.

O edital selecionou ainda Guilherme Ary Plonski, professor sênior da Faculdade de Economia e Administração e do Ins-

tituto de Estudos Avançados, que fez ensaio sobre a evolução do conceito de inovação no mundo ocidental e como a universidade o incorporou. Também terão a obra publicada os professores Edison Manoel, José Guilmar e Emerson Franchini, da Escola Educação Física e Esporte, que narram a fundação do instituto nos anos 1930.

Em entrevista ao JC, Sergio Miceli, diretor-presidente da Edusp, reforça a importância do edital para “o incentivo a uma postura crítico-reflexiva sobre a gênese e as transformações da história da USP”. A previsão de publicação dos ensaios é em 2025.

▶ BRASIL x EUA

Falta de apoio ao esporte universitário limita potencial dos atletas brasileiros

Estrutura e incentivos se relacionam com desempenho do país em competições nacionais e internacionais

BEATRIZ HADDAD E MIRIÃ GAMA
[REPORTAGEM]

O apoio ao esporte de alto rendimento no Brasil está aquém do potencial dos atletas, até mesmo na maior universidade do país. Esse cenário deriva-se da falta de estrutura adequada e do pouco incentivo das instituições aos estudantes, impactando diretamente o desempenho esportivo. Nas Olimpíadas de Paris de 2024, por exemplo, a delegação brasileira conquistou apenas três medalhas de ouro, igualando o número de Londres 2012 e regredindo em relação a Tóquio 2020 e Rio 2016.

Em contrapartida, na primeira posição do quadro de medalhas, os Estados Unidos destacam-se como referência na gestão do esporte universitário, com 40 ouros e 126 medalhas no total. Observar o processo norte-americano revela um caminho para a superação brasileira como potência olímpica, a partir da ampliação do incentivo à prática esportiva nas universidades.

O ESPORTE USPIANO Uma pesquisa realizada pelo JC sobre as percepções e vivências de atletas da USP aponta que 63,3% dos 30 esportistas entrevistados considera baixo o apoio (institucional ou financeiro) oferecido pela Universidade no setor. Entre os restantes, 16,7% acredita que existe certo incentivo com margem de melhora e 20% classificam-no como inexistente. Não houve respostas que qualificassem o apoio dado pela Universidade como alto ou suficiente.

Gustavo Rocha, graduando em Letras e membro da equipe de atletismo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), concorda que o apoio para os atletas é irrisório. O atleta compara o funcionamento do esporte universitário no Brasil com o do exterior. “A gente entra na faculdade, começa um esporte e não recebe nenhum tipo de ajuda. Se quisermos fazer, devemos nos virar”, afirma Gustavo.

O esportista conta que, no momento dos vestibulares, se sentiu mais motivado a entrar na FFLCH quando soube da possibilidade de praticar atletismo

Atletas encontram melhores condições de treino em universidades norte-americanas



“Se a gente tivesse a estrutura americana, ninguém nos seguraria. Para mim, o esporte brasileiro é ainda o melhor do mundo”

Gaby Castro, ponteira de vôlei

na Universidade. Apesar de ter suprido suas expectativas na vivência do esporte em si, Gustavo esperava uma participação financeira maior da administração da instituição: “Fazemos ‘cervejadas’ com a ajuda da atlética para arrecadar dinheiro, já que não recebemos apoio da reitoria ou da própria FFLCH”.

FALTA DE PERSPECTIVA “Eu nunca quis sair do Brasil para jogar, só que numa certa idade você não consegue disputar mais nada.” É assim que Gaby Castro descreve uma de suas motivações para ter se mudado para os Estados Unidos. Com o objetivo de se tornar atleta de vôlei universitário, ela conta que, mesmo após passar por clubes e chegar a ser federada no Brasil, não via caminhos para conciliar o esporte com a formação universitária.

Atualmente, Gaby joga como ponteira no time do *American International College*, em Springfield, Massachusetts, e é graduanda em Psicologia e Justiça Criminal. Ela contrasta a infraestrutura e organização do esporte universitário estadunidense com o brasileiro e destaca a discrepância nos espaços e equipamentos: “A gente sempre tem mais de 100 bolas para treinar, o que não acontecia no Brasil, onde geralmente eram no máximo 20 bolas.”

A respeito da superioridade no nível competitivo no exte-

rior, Gaby explica que o padrão esportivo das Universidades estadunidenses equivale à potência dos clubes ou mesmo federações no Brasil. Todos esses fatores influenciaram na decisão da jovem de tentar sua carreira nos Estados Unidos, ao invés de permanecer em seu país natal.

FORMA DE INGRESSO Outro ponto que contribuiu para esse processo foi a forma de ingresso no sistema norte-americano de ensino superior. Com o apoio de uma agência, a atleta enviou um vídeo de apresentação para as instituições estrangeiras e pôde avaliar as propostas de bolsa, escolhendo qual seria melhor para o seu objetivo.

Gaby conta que no exterior cada instituição oferece um tipo de bolsa, algumas com 100% de isenção de custos e outras com descontos ou apoios pontuais; um avanço muito grande em comparação ao Brasil. “A estrutura daqui [EUA] é uma loucura: temos técnico, assistente técnico, assistente de musculação... As melhores universidades têm umas 12 pessoas só à sua disposição”, completa.

‘AMERICAN DREAM’ Para Maria Eugênia Machado, apelidada de Mage, o ingresso em uma universidade estadunidense também foi a chance de continuar praticando o vôlei em um nível mais profissional. “Eu queria

muito continuar jogando vôlei depois de me formar, mas na faculdade não queria competir somente pela atlética porque é algo que eu levo muito a sério, então preferi encontrar uma agência e vir para os Estados Unidos”, conta.

A jovem atleta faz parte do time de vôlei da *Minot State University*, em Dakota do Norte, e assim como Gaby, ressalta as diferenças da condição do esporte universitário nos dois países. “Aqui qualquer time universitário, do melhor ao pior, tem uma super estrutura. Cada faculdade é patrocinada por uma marca esportiva e você ganha tudo com muita qualidade”, afirma.

Sobre o período em que jogou no Brasil, Maria Eugênia relembra que muitas vezes as atletas sequer tinham acesso a vestiários adequados, tendo que se trocar em banheiros e carregar os pertences consigo.

A vivência da estudante no Brasil se assemelha aos resultados da pesquisa feita pela reportagem com atletas da USP – na qual cerca de dois terços dos estudantes apontam um cenário precarizado e inferior ao vivido pelas brasileiras no exterior. A atleta entende que essa distinção no apoio dado aos universitários estadunidenses impacta diretamente na qualidade e seriedade do esporte: “Com bolsa e infraestrutura, todos recebem muito investimento e há retorno.”

▶ COMUNICAÇÃO



JORNAL DO CAMPUS

80 anos de 'O Politécnico' mostram a importância das publicações impressas que circulam na Universidade, ferramentas de registro das necessidades dos alunos

BEATRIZ GARCIA [REPORTAGEM]

O Politécnico está fazendo aniversário. No dia 18 de setembro, a Biblioteca Latino-Americana Victor Civita (Bibla) inaugurou uma exposição em comemoração aos 80 anos do jornal, escrito pelos membros do Grêmio Politécnico da USP. Além dele, o *Jornal do Campus* encontrou outras seis publicações que possuem a participação de estudantes em sua produção ou distribuição.

Entre os materiais de *O Politécnico* expostos na biblioteca estavam páginas de matérias opinativas e informativas abordando questões como o petróleo brasileiro, a energia atômica no Brasil e até a repressão policial do período da ditadura. Para os organizadores da exposição, a seleção expõe o objetivo dos jornais universitários: abordar temas de interesse dos estudantes e gerar engajamento em pautas consideradas importantes.

No evento de 80 anos da publicação, o jornalista e pesquisador do tema Carlos Dias, do *Valor Econômico*, pontuou a relevância histórica do jornalismo universitário e da mobilização da juventude. “Com a proibição das reuniões e protestos no período da ditadura, o melhor jeito para transmitir ideias era escrevê-las e distribuí-las clandestinamente, o que foi eficiente”, afirma.

Essa função foi muito exercida pelos jornais uspianos. O atual diretor-chefe de *O Politécnico*, Diego Roiphe, explica que “o jornal surgiu em 1944 e, já na primeira edição, há o relato de que foi registrado como boletim informativo, e não como jornal,

porque o pedido de registro foi negado”. Ainda segundo ele, a classificação foi contestada, chegou às mãos do então ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, mas foi negada novamente pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Algumas edições trouxeram contestações à repressão e censura. Em uma de suas capas mais emblemáticas, de abril de 1973, intitulada “Censura e Gastronomia”, o jornal citou a substituição dos textos jornalísticos por receitas, maneira de driblar a repressão. Na época, o periódico se chamava *Poli Campus* e publicou mais cópias do que o normal, distribuindo 3.800 exemplares em toda a universidade.

AÇÃO ESTUDANTIL Na USP, os jornais feitos pelos estudantes estão espalhados por vários institutos. Alguns deles são o *Jornal Malê* (curso de Ciências Moleculares), *O Bisturi* (curso de Medicina), *O Condutor* (curso de Engenharia Elétrica e de Computação) e *CAEABoa?* (curso de Engenharia Ambiental).

O jornal *O Visconde*, foi criado pelo Centro Acadêmico Visconde de Cairu (CAVC) da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA) e também contém registros do período da ditadura. Na época, o chamado *Cairu Jornal* denunciou as violências que os alunos do CAVC sofreram até mesmo por parte de outros estudantes que discordavam do posicionamento dos integrantes.

Em entrevista ao *JC*, o ex-diretor do jornal *O Visconde*, Mauro Trevisan, explica que “a ditadura acabou interferindo na forma como o ensino de economia e administração era dado, e

isso foi registrado de forma informativa para evitar a censura”.

Tanto *O Visconde* quanto *O Politécnico* têm versões físicas que são distribuídas até hoje pelo campus ou pelo instituto do qual faz parte. A redação é formada pelos integrantes do órgão responsável (grêmio ou centro acadêmico), mas abrem para a participação de todos os estudantes para envio de textos ou artes.

PRODUÇÃO EXTERNA Além destes, o jornal quinzenal *A Verdade*, que já tem 300 edições publicadas, também circula pelo campus. A estudante de Artes Cênicas Júlia Urioste conta, em entrevista ao *JC*, que o alcance é nacional e tem o caráter mais militante.

Diferente dos jornais criados e produzidos na USP, o periódico é escrito por pessoas de diferentes lugares do país e os textos passam

por uma curadoria que seleciona os temas mais em alta para publicação na versão impressa. Ele é idealizado por uma série de movimentos sociais ligados à Unidade Popular (UP), partido político registrado em 2019 que defende ideias socialistas.

O jornal *A Verdade* também já se mobilizou politicamente em favor dos estudantes da USP. Júlia Urioste conta que a publicação da pauta a respeito da greve estudantil da USP em 2023, por exemplo, foi importante para mostrar a visão dos estudantes que, segundo ela, não foi integralmente relatada na imprensa tradicional. “Toda vez que a greve aparecia na grande mídia era com a perspectiva da Reitoria e das diretorias que não queriam que ela acontecesse”, afirma, em referência à atuação de grandes jornais tradicionais paulistas.

“Prisões injustas, desaparecimentos misteriosos e invasões de CAs, tornaram-se tão corriqueiros que, atualmente, quando se fala em arbitrariedades desta natureza a pergunta que se ouve é: ‘Quantos foram desta vez?’”

Poli Campus, editorial de abril de 1973



Do humor à denúncia, o dia a dia do campus NOS MURAIIS DA USP

Quadros de avisos, portas de banheiros e paredes de vivências se transformam em canais de comunicação entre uspianos

FERNANDA ZIBORDI [REPORTAGEM]

Seja percorrendo corredores de institutos ou passando o tempo nas áreas de convivência dentro do campus, é comum se deparar com avisos, recados ou confissões das pessoas que frequentam esses espaços. Para além da comunicação direta, os estudantes utilizam o ambiente físico da USP para se expressar, dialogando entre si e com quem visita ou trabalha na universidade.

Um dos traços mais recorrentes nas mensagens é o humor. Frases como “tudo vale a pena se a marmitta não é pequena” e “US-Pauleira: entre agora para o grupo mais roqueirista da USP” podem ser encontradas nas paredes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Gabriel, estudante de Filosofia, diz achar muito interessante o modo como os alunos intervêm no espaço do instituto. “Os banheiros têm algumas coisas bem inusitadas. Parece que as pessoas conversam às vezes: deixam um recado e outro dia alguém vai lá e escreve outra coisa.”

Já no Instituto de Física (IF), que mantém paredes e portas de banheiros sem comunicados não institucionais, o destaque vai para os armários dos alunos, que, de acordo com a aluna de licenciatura Lavinia, são livres para personalização. Ela conta sobre a existência de armários interativos pelos corredores do prédio: os próprios donos oferecem o espaço das portas para que as pessoas possam conversar. Uma votação sobre qual cantora pop seria capaz de desvendar a gravidade quântica incentiva as pessoas a justificarem seus votos nos papéis colados entre os cadeados.

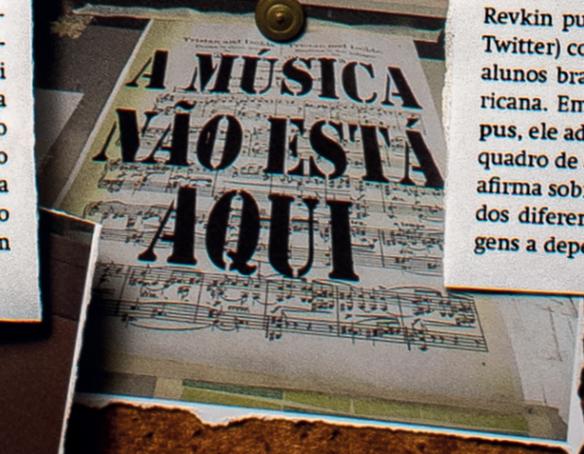
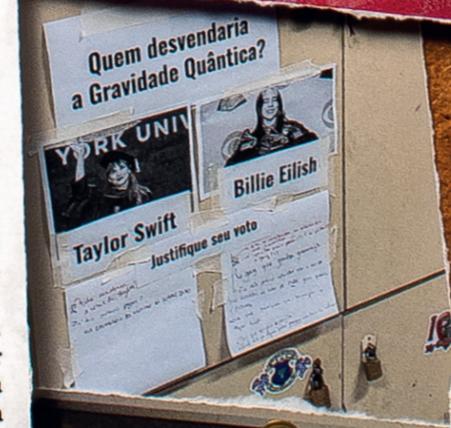
Porém, estes recados vão muito além das piadas. As paredes podem falar e, por meio delas, são feitas críticas e denúncias a respeito de problemas presentes na vivência universitária. É o caso visto na Escola de Comunicações e Artes (ECA). Na entrada do Departamento de Música, uma declaração foi colocada pelos alunos com a frase “a música não está aqui”. Um dos alunos afirma que o motivo disso seria “uma resistência muito forte do departamento em aceitar a música popular e outros tipos de música” que são mais próximas dos perfis dos estudantes em comparação às clássicas ou eruditas.

Assuntos comuns nas paredes uspianas envolvem denúncias de assédio e críticas a abusos de poder. Cabines de banheiros e quadros de centros acadêmicos são vistos como ambientes mais seguros para compartilhar relatos de violência e exigências por ações da universidade diante das ocorrências desses casos. Há também mensagens que propõem reflexões para quem se depara com elas. “A autonomia dos estudantes é construída” e “grafite na parede dos outros é afresco” são alguns exemplos que podem ser lidos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design (FAU).

Esses ambientes alternativos de comunicação também são usados por aqueles que desejam divulgar trabalhos e serviços. Projetos de entidades estudantis, ensino de línguas estrangeiras e aulas de instrumentos musicais são amplamente anunciados em lugares com grande movimentação de pessoas como recepções de prédios e pontos de ônibus. O Instituto de Psicologia (IP) contribui para esse tipo de comunicação ao oferecer murais próprios para que estudantes tenham a liberdade de prender cartões de visita profissionais ou até poesias autorais.

“Universidades devem sempre ser espaços seguros para a liberdade de expressão, particularmente para críticas construtivas”, diz Andrew Revkin, jornalista ambiental americano que visitou a USP em agosto. Na passagem pelo Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), ele compartilhou nas redes sociais os recados humorísticos deixados nos quadros de avisos, sem identificar o teor sarcástico de piadas políticas.

O que mais lhe chamou a atenção foram os Axé Kamala, memes sobre a candidatura da democrata Kamala Harris à presidência dos Estados Unidos. Descontextualizado em um primeiro momento sobre o tom humorístico das imagens, Revkin publicou fotos delas no X (antigo Twitter) como uma evidência do apoio dos alunos brasileiros à candidata norte-americana. Em entrevista ao *Jornal do Campus*, ele admite ter ficado fascinado com o quadro de avisos cheio de visuais lúdicos e afirma sobre a importância de estar ciente dos diferentes significados dessas mensagens a depender do contexto.





O estranho mundo das pessoas grandes



SAMUEL CERRI [TEXTO]
3º ANO II DA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA USP [ARTE]
ESTER NASCIMENTO [DESIGN]

Quando em uma manhã mamãe me acordou, vi que teria mesmo que ir pra escola. Estava frio e era sexta-feira, então implorei mil milhões de vezes para que mamãe deixasse eu faltar, mas ela não aceitou. Eu estava com muito sono, tanto sono que, a cada longa piscada que dava, uma roupa nova aparecia no meu corpo: calça, camiseta, blusa, outra blusa, tênis... e, de repente, *puff*, estava pronta pra ir pra escola. Que chato!

Fui dormindo o caminho inteiro, ou pelo menos tentando dormir porque o carro fazia um *vrumvrum* irritante e balançava demais. Naquele dia em especial eu estava com muito soninho. Cheguei onde estudava, na Escola de Aplicação numa tal de *uspi* ("o que é uma *uspi*?", eu pensava), e andei até o refeitório esfregando os olhos. Entre uma coçada e outra, consegui ver aquelas coisas esquisitas: carros grandes, laranjas, com quantidades grandes de gente grande, bem apertadinhas.

Aquelas pessoas grandes eram engraçadas, e estavam por todo lugar na *uspi*. Quando ia almoçar elas estavam lá, e quando saía da escola, também. Algumas delas até davam aula! Mas eram sempre esquisitas, ou estavam mal-humoradas ou gritavam muito, às vezes os dois juntos! Tomei meu leite com bolacha e, ainda bem, fui pra aula de desenho. A tia não gostava que chamasse de desenho: "É artes!", ela falava, mas eu só fazia desenho, então era desenho! Aproveitei que a aula era boba e deitei na minha mesa.

Fui dando piscadas longas, e mais longas, e mais longas, e tão longas que, de repente, eu sumi da sala! De repente, estava indo para a escola de novo, com mamãe, mas... sentia que era a escola dela agora. Estávamos

num carro bem grandão, maior que os carros grandes das pessoas grandes na *uspi*. Cabia muito mais gente, mas era muito mais barulhento. Que chatice, não dava pra dormir! A gente ficou lá parada até que uma voz do além disse: "*Pararãm, próxima estação, uspi leste*". Que coisa, tinha mais *uspis* por aí, então mais pessoas grandes mal-humoradas! Como eu pensei, era a escola da mamãe, porque quem foi tomar leite e comer um pãozinho foi ela, comigo.

Ela me deu um pouquinho do café da manhã dela e metade da fruta do dia, um abacaxi. Só não tomei aquela bebida preta de gosto ruim, preferi um suquinho. Talvez mamãe e as pessoas grandes fossem mal-humoradas por causa disso. Era muito legal! A mamãe tinha uma mochila, igual eu! Quando saímos de lá, ela me deu as coisas pra entregar para uma outra pessoa atrás de uma parede. Tinha que ser na ordem certinha: primeiro o copo, depois o prato, depois a colher e a faca, depois a bandeja. Que chatice!

Aí mamãe me levou para a sala dela. Fiquei triste quando ela disse que não tinha aula de desenho e nem aula de artes! "Que mundo sem cor, mamãe!". Eu falei, mas ela só suspirou e me deu uns lápis de gente grande, daqueles que não apagam, de várias cores: preto, azul, vermelho e verde. Não dava pra pintar muito no caderno dela. Será que era assim que as pessoas grandes viam o mundo? Por isso eram tão mal-humoradas.

Queria correr pela sala, mas não podia. Não podia conversar muito, nem pegar brinquedos, nem lápis de cor! E "ai" de quem chamasse o tio que dava aula de tio, era "professor doutor", não sabia que ele precisava ser médico também. Aquele homem grande era tão chato que dormi de novo, e aí acordei em outro lugar!

Dessa vez, acordei num outro prédio, mas que era parecido com os ou-

tros prédios das pessoas grandes de sempre. Dessa vez, mamãe ficava em uma mesa na entrada do prédio, e lá passava um montão de gente. Mas era estranho, porque elas só sabiam falar "bom dia!". Era bom dia pra lá, bom dia pra cá, e tantos bom dias que cocei a cabeça e me perguntei se elas só sabiam falar isso...

Pedi pra mamãe brincar comigo, mas ela não podia porque tinha que "trabalhar". Quando brincava de ser gente grande também trabalhava, mas não era chato assim! E veio mais bom dias e comecei a ficar irritada. Corri para fora e vi a paisagem da tal da *uspi*. Grama verde, fofinha, céu azul bem grandão, uma borboleta voando pelo caminhozinho de pedra, folhinhas caindo das árvores e dançando junto com o vento... Como as pessoas grandes não conseguiam ver aquela beleza toda e continuavam mal-humoradas, gritando ou falando só bom dia e bom dia e bom dia e bom dia e bom dia...

...

"Dormindo de novo, menina!?", a tia do desenho me acordou de um sonho maluco.

- Mas eu tô com sono!
- Eu também estou.
- Então porque não dorme?
- Porque eu tenho que dar aula de artes pra vocês.
- Por que não dá aula de dormir?
- Ela não respondeu, mas eu nunca abandonava uma pergunta - Por que não dá aula de dormir?
- Vocês já são bem crescidinhos!

Não respondi mais nada. Mas não gostei da resposta, não queria crescer e ser que nem essa gente grande e mal-humorada. É, as pessoas grandes eram mesmo muito esquisitas, quem dera elas pudessem sonhar como eu.

